

século XV



Os indígenas vivem em harmonia com a natureza e retiram do ambiente apenas o essencial para a sobrevivência deles.

1528



Depois de semanas comendo rações estragadas, enfrentando doenças e longas noites no meio do oceano, a tripulação desembarca no Novo Mundo.

1639



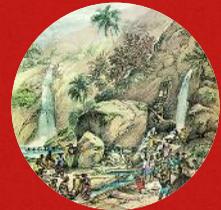
Saúdes da terra natal, costumes e heranças do próprio povo. Tratados como objetos, os negros escravizados são obrigados a suportar castigos desumanos.

1670



A cidade de São Paulo tem cerca de 200 habitantes. É pobre e conhecida como "Boca do Sertão".

1731



"Escravos de jó jogavam coxangá, tira, põe, deixa ficar..."
Os negros escravizados cantam essa quadrinha durante o trabalho pesado na mineração.

que mundo é esse



jovens brasileiros

uma aventura literária ao longo da nossa História

edição revista e ampliada

ivan jaf
ficcionista

maria odette simão brancatelli e vera lúcia vilhena de toledo
historiadoras e professoras do ensino fundamental

altamente recomendável – FNLIJ

ea
editora ática

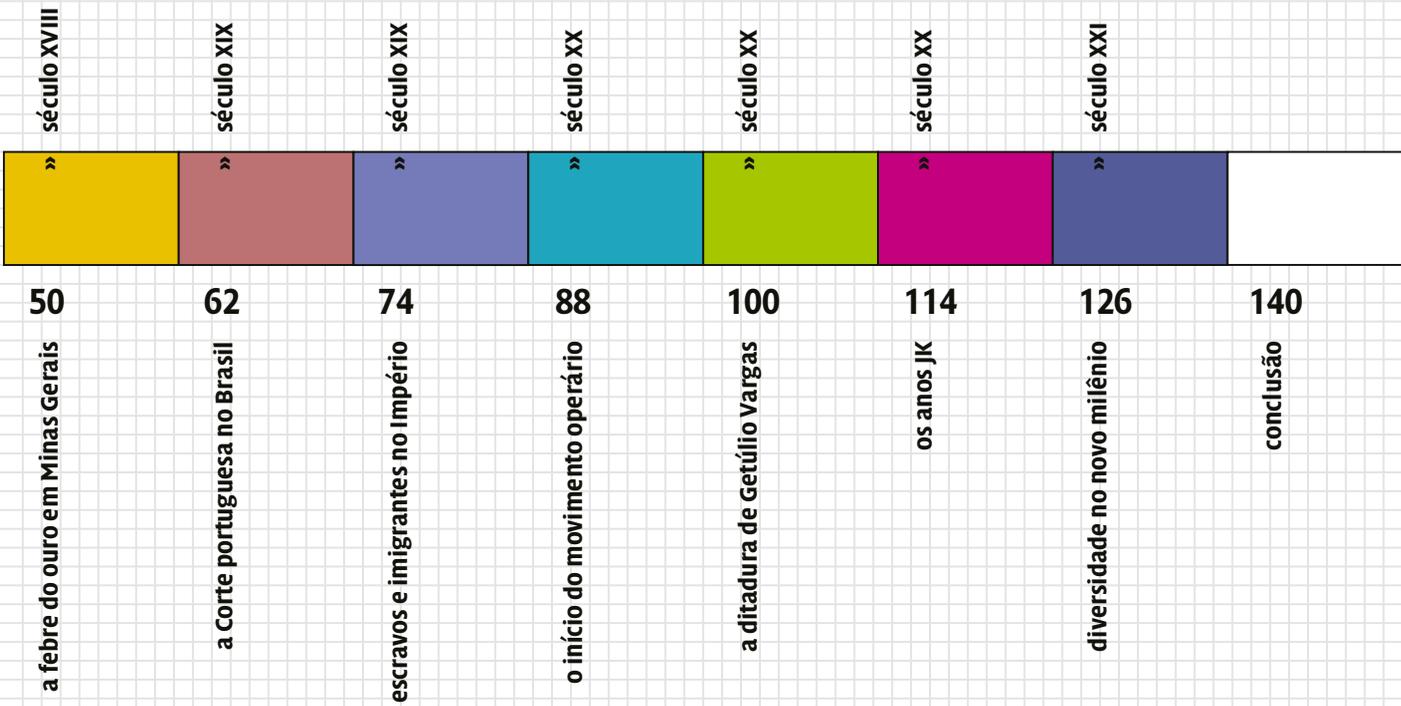


sumário

» jovens brasileiros



apresentação	4	»	século XV	»	século XVI	»	século XVII	»	século XVII
o Brasil indígena	6								
a presença portuguesa	16								
o domínio holandês no Nordeste	26								
o bandeirismo em São Paulo	38								



apresentação

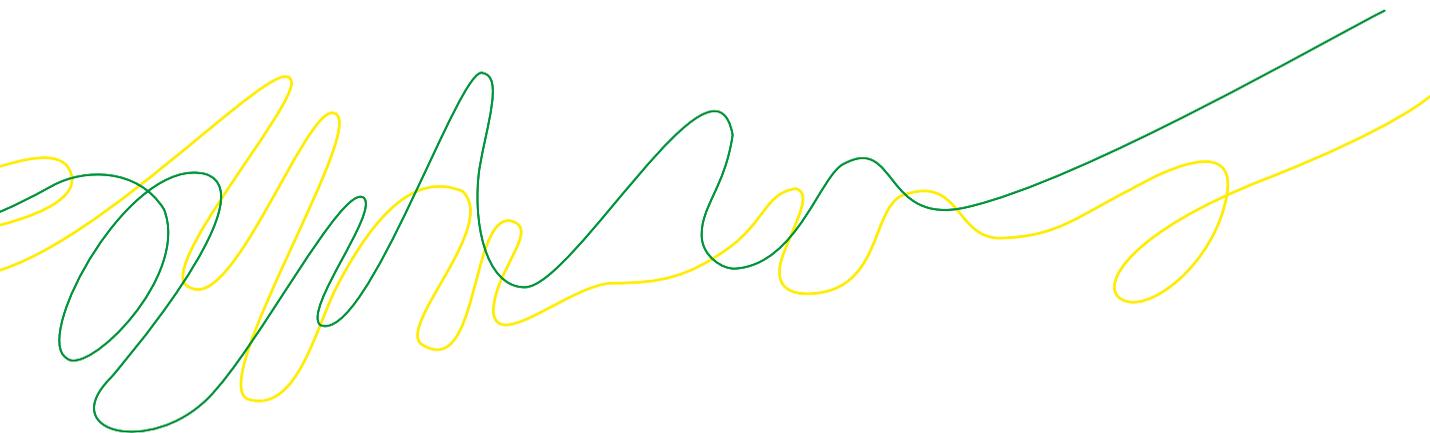


Por muitos séculos, os mais moços tiveram seu poder de atuação limitado pelas vontades de seus pais, senhores, patrões, mestres e sacerdotes. Mas, com o passar do tempo, os jovens ganharam voz e espaço na sociedade, exercendo grande influência nos acontecimentos históricos.

A partir de agora, vamos conhecer a trajetória de vários jovens, de locais, épocas e classes sociais diferentes. O menino que quer ser bandeirante e desbravar as matas; a menina que não quer se casar apenas por interesse, para que seus pais possam frequentar a Corte; a jovem que acompanha, aflita, a discussão de seus pais sobre o governo de Getúlio Vargas; o garoto que dirige uma van pirata buscando passageiros na Rio+20. Todos nós, brasileiros, como cidadãos desse país miscigenado, temos um pouco desses personagens.

Por meio das histórias, conheceremos a cultura, os valores, os costumes e os cenários do passado e do presente. Acompanhando cada uma dessas trajetórias juvenis brasileiras, perceberemos as transformações nos relacionamentos com o trabalho, com a educação e com a família conquistadas ao longo do tempo, trazendo novos significados pautados, em grande parte, pelas condições sociais e históricas de nosso país. Uma coisa, no entanto, não mudou: ainda se espera que, com suas ideias inovadoras, a juventude ajude a melhorar o mundo.

Os editores



o Brasil indígena

século XV



a lenda dos homens que fediam muito

1 aldeia

1 aldeia

Uma aldeia é a reunião de várias famílias, e o conjunto de aldeias forma um grupo indígena. Os membros de um grupo falam a mesma língua e têm os mesmos costumes.

2 oca

2 oca

As aldeias são compostas de habitações coletivas: asocas ou malocas (estas maiores). As moradias (choças) são dispostas em círculo; no centro fica a ocara, espaço para reuniões e cerimônias. A disposição dasocas pode variar.

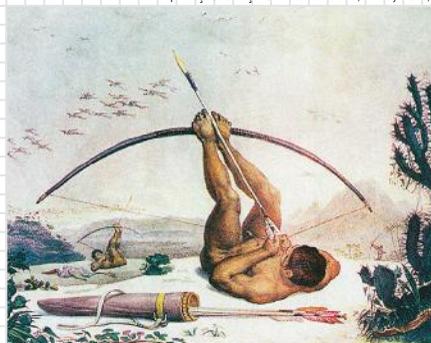


Reprodução/Arquivo Iconográfico em Ciências/Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ

3 homens/mulheres

3 homens/mulheres

A divisão do trabalho depende do sexo e da idade e faz parte do cotidiano de todos. A sociedade indígena é igualitária: há cooperação entre homens e mulheres, dos idosos às crianças. Os homens se ocupam da caça e da pesca, entre outras atividades.



Reprodução/Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ

⁴ cauim

As índias mastigam a mandioca e colocam-na num recipiente para fermentar, produzindo assim uma bebida usada em festas e cerimoniais — o cauim.

* consulte o significado desta e de outras palavras no glossário da p. 13.

Numa **aldeia**¹ de índios tupinambás, vivia uma linda menina chamada Coema. Coema era filha de Suaçu-arana, o mais bravo guerreiro do grupo, que além desse nome tinha outros mais, pois matara e comera muitos inimigos. De seu lábio pendia um grande cristal, e sua cabeça raspada exibia o mais vistoso *acangatara**.

Pela bravura em combate, Suaçu-arana se tornara o superior de sua **oca**², e a ele todos seguiam de boa vontade.

A aldeia de Coema havia se instalado há poucas luas na curva de um rio, a cinco dias de caminhada do mar. As terras onde ela fora criada haviam se esgotado para o plantio, e tribos de caetés e potiguaras os ameaçavam pelo norte, por isso foram obrigados a se mudar.

Como sempre faziam, escolheram um lugar perto da água doce, onde houvesse caça e muita lenha. Ergueram duas compridas malocas e as cobriram com folhas de palmeiras. Depois as cercaram com uma *caiçara* de estacas tão juntas que nem uma flecha podia atravessar. E em seguida outra paliçada, com troncos grossos, com uma distância entre eles que desse passagem a um homem.

Suaçu-arana ganhou lugar no centro de sua cabana, e tratou de espetar na entrada a cabeça de um botocudo que matara em combate.

Os **homens**³ derrubaram as árvores de uma extensão de terra à margem direita do rio e se prepararam para esperar quatro luas cheias até elas secarem e eles poderem tocar fogo e fazer a *coivara*. Só depois as **mulheres**³ poderiam plantar a mandioca, o milho, o cará e a batata-doce.

Enquanto esperavam, os homens da tribo tinham de sair com frequência para arranjar comida. Caçavam tatus, *saruês* e capivaras e iam ao litoral pescar para fazer farinha de peixe.

Coema e as outras mulheres ficavam na aldeia, pegando palmito, coco, jabuticabas e maracujás; amassando barro para as velhas moldarem as panelas; tecendo fios de algodão para as *inis* e preparando **cauim**⁴ para as festas.

Velhos, *curumins* e guerreiros ainda jovens ficavam com elas, para proteção. Entre estes havia Quirimã.

Coema e Quirimã estavam juntos sempre que podiam e muitas vezes se afastavam da tribo para apanhar frutas ou *içás*. Tatuavam-se, depilavam-se, catavam e comiam os piolhos um do outro e iam várias vezes por dia tomar banho de rio.

Pouco tempo depois de terem se mudado para a nova aldeia, Coema menstruou pela primeira vez. Teve então os cabelos cortados e as costas arranhadas com presas

de onça-pintada. Quando os cabelos crescessem e as feridas cicatrisassem, ela seria entregue como esposa a um guerreiro da tribo.

Quirimã já havia trocado a ponta de chifre de veado com que seu pai lhe atravessara o lábio inferior por uma grande pedra verde, sinal de que se tornara um homem, mas permanecia com **um único nome**⁵ e não podia casar com Coema, pois ainda não matara nenhum inimigo.

Um dia o pai de Coema voltou de uma longa excursão ao litoral. À noite, no centro da ocara, reuniu o grupo para contar uma história estranha.

— Eu estava na areia da praia, com tupinambás de outras aldeias, torrando peixe para fazer farinha, quando chegaram **cabaças**⁶ gigantes, cortadas ao meio, flutuando no mar, arrastadas por enormes asas.

“Elas pararam longe da costa, onde as nossas canoas de *igá-ibira* não podiam chegar.

“Das cabaças gigantes saíram outras menores, sem asas, que vieram ter à praia.

“Dentro delas havia **homens peludos que fediam muito**⁷.”

Os que ouviam Suaçu-arana, principalmente os curumins, tiveram muito medo. Os velhos balançavam a cabeça. As mulheres olhavam para a escuridão da mata, onde vivia o *Anhangá*.

Suaçu-arana continuou:

— Ajudamos os homens peludos, catando lenha, frutas, papagaios e enchendo barricas de água.

“Não falavam língua de gente e não conheciam mulher, já que não tiravam os olhos das nossas.

“Deviam ser inimigos da água, pois nunca entravam nela.”

Uma velha perguntou se não tinham penas, como a *guardá-piranga*, e por isso podiam flutuar.

— Não tinham penas — respondeu Suaçu-arana. — Mas os pelos saíam deles por todo o corpo e no rosto, caindo do queixo até o meio do peito, como se os olhos estivessem sempre de tocaia, atrás de uma moita.

■ ⁵ um único nome
Inimigo era qualquer pessoa que não pertencesse ao grupo. Quando o guerreiro matava um inimigo, ganhava um novo nome. Em algumas sociedades, a carne do sacrificado era comida durante um ritual — a antropofagia — em que os índios acreditavam adquirir as qualidades do morto.



Reprodução Biblioteca Municipal Mario de Andrade, São Paulo, SP

■ 5 um único nome

■ 6 cabaças

Reprodução Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ



■ ⁶ cabaças
Uma das plantas mais antigas da América, a cabaceira dá um fruto que depois de seco tem vários usos, como o de maracá ou chocalho e outros instrumentos de percussão. Também serve como vasilha.

7 homens peludos que fediam muito. Os europeus não tinham o hábito do banho, e os índios, acostumados a banhos diários, estranharam o mau cheiro dos brancos.



reprodução Biblioteca Municipal Paulo de Andrade, São Paulo, SP

Voto D'Alessandra, acervo do fotógrafo



8 pajé
Chefe religioso e curandeiro, o pajé mantém as tradições do grupo. O cacique é o líder da aldeia, escolhido por suas qualidades, entre elas a bravura.

“Tinham várias camadas de pele, que iam tirando à medida que o sol esquentava e colocando de novo quando a lua aparecia.

“Os pés eram de couro duro.

“Alguns traziam o peito e as costas cobertos por uma carapaça. Outros a traziam cobrindo a cabeça e as orelhas.

“À medida que iam tirando as peles ou as carapaças, mais fediam.”

Um velho perguntou se não tinham armas.

— Quase todos levavam, pendurados à cintura, um fino *tacape* — contou Suaçu-arana —, muito duro, brilhante e afiado. Alguns não passavam de um palmo, outros eram longos como uma terceira perna.

O velho perguntou se não usaram essas armas.

— Não — falou o pai de Coema. — Os pequenos serviam para abrir frutas, espetar peixes e cortar carne. Os compridos deviam ter algum poder, pois os seguravam pelo cabo, várias vezes ao dia.

“Do mesmo material brilhante e afiado tinham objetos de várias formas, como unhas enormes com que desbastavam a madeira e abriam a terra, machados que derrubavam árvores como um raio e dentes compridos que serravam troncos.”

O **pajé**⁸ disse então que deviam ser grandes guerreiros, que reuniam em si o poder de todos os animais: flutuavam sobre as águas, como os pássaros; trocavam de pele, como as cobras; tinham o corpo peludo e as patas resistentes, como os macacos e as capivaras; carapaças, como os tatus e as tartarugas; e garras afiadas como a onça, a paca e o porco-do-mato.

— E afastam os inimigos com o fedor, como os gambás — lembrou Suaçu-arana.

E continuou:

— Antes de partir, os estranhos homens peludos e que fediam muito pregaram um tronco atravessado no outro e o espetaram na areia. Depois ergueram os braços, começaram a falar alto e a cantar; ajoelhavam e se levantavam diante daquilo.

“Por fim voltaram para as cabaças gigantes voadoras e desapareceram no mar.”

Para provar que o que contou de fato acontecera, Suaçu-arana mostrou um presente que os homens haviam distribuído aos índios. Era uma

imitação da grande **CRUZ**⁹ plantada na areia. Tinha uns dois palmos de comprimento, e era feita do mesmo material desconhecido, frio e brilhante, mas não tão duro.

A cruz passou de mão em mão, trazendo medo e curiosidade ao grupo.

Daí em diante tentaram descobrir para que servia aquilo.

Usaram-na para triturar peixe seco e fazer farinha, mas as pontas logo entortavam.

Para cavar a terra e plantar mandioca era muito fina e pouco resistente.

Também não servia para derrubar árvores nem cortar pequenos galhos.

Atirada contra pássaros e tatus, ia sem direção.

Experimentaram esfregá-la num galho de *ubaçu-iba*, mas não fazia fogo.

Os pajés concluíram que os homens que fediam muito deviam ser grandes feiticeiros, e aqueles objetos eram alguma espécie de *maracá* muito poderoso.

Foram de aldeia em aldeia e organizaram uma cerimônia para invocar o poder.

Vários pajés tupinambás se reuniram na praia, junto à grande cruz de madeira que os homens peludos haviam deixado espetada na areia. Ao redor dela fincaram todas as outras menores.

As mulheres prepararam muito cauim e acenderam uma enorme fogueira. Os homens beberam, pintaram o corpo, cobriram-se de penas, dançaram e gritaram, enquanto os pajés sopravam fumaça de *pitim* nas cruzes.

Mas os espíritos não apareceram.

Com o tempo, as cruzes foram esquecidas.

Sobreveio um período de desgraças para a aldeia de Coema e Quirimã.

As novas terras se mostraram ruins para o cultivo. A pouca chuva secava os brotos de mandioca. Os peixes não apareciam no rio, e os homens tinham que ir cada vez mais longe atrás de caça. Os botocudos haviam se unido aos tupiniquins, e a ameaça era constante.

Um dia Suaçu-arana e outros guerreiros estavam fora quando veio o ataque à **aldeia**¹⁰.

■ ⁹ cruz
Símbolo do catolicismo, a cruz nada significava para os índios, politeístas, que adoravam forças e espíritos presentes na natureza. Além disso, eles desconheciam o uso dos metais.



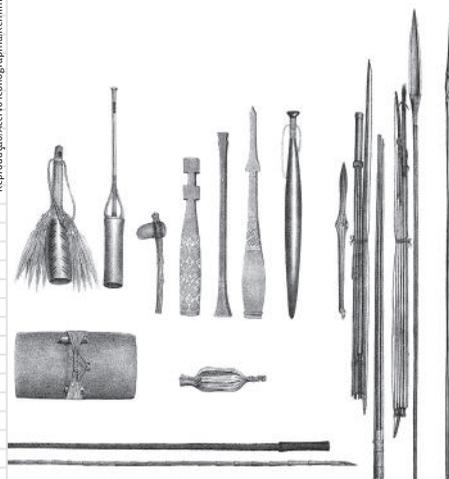
Rômulo Fialdinkernvo do fotógrafo

9 CRUZ

10 ataque à aldeia

10

Reprodução do Acervo Iconográfico da Reminiscências



■ ¹⁰ ataque à aldeia
A guerra era uma forma de reforçar os valores e costumes do grupo e ao mesmo tempo de vingar seus antepassados. Não visava, como entre os brancos, à conquista de terras, escravos ou bens materiais.

Choque cultural

Você está preparado para aceitar uma pessoa diferente? Se o preconceito existe até entre membros da mesma sociedade, por motivos tolos como dinheiro, posição social, grau de instrução ou cor de pele, já imaginou o que se passou entre índios e portugueses ao se encontrarem pela primeira vez?

Com os meios de comunicação ligando todo o planeta, atualmente não existem culturas desconhecidas. Mas naquela época foi como se um marciano esbarrasse em um venusiano em algum ponto da Via Láctea.

Talvez para os índios tenha sido mais difícil. Além de terem suas terras invadidas, conta-se que os navegadores europeus não tomavam banho durante toda a viagem. E que, como tirar uma armadura dava um trabalho danado, os guerreiros faziam suas necessidades lá dentro mesmo...

Flechas de fogo caíam sobre as malocas, e fumaça de pimenta passava entre a paliçada.

As estacas finas da primeira caiçara cederam, e dois botocudos passaram.

Coema, os curumins e as outras mulheres se esconderam numa das choças. A outra ardia em chamas.

Velhos tentaram lutar, mas caíam a golpes de tacape ou transpassados por flechas.

Quirimã afinal viu-se acuado por um enorme botocudo, de encontro à paliçada de troncos grossos que procurava defender. O guerreiro inimigo já erguia o tacape sobre sua cabeça, para o golpe final.

Foi quando o menino viu o brilho do metal.

No chão, a dois passos, a cruz dada ao pai de Coema, jogada na terra por algum curumim, refletia a luz do Sol.

Quirimã abaixou-se. O tacape cortou o ar, um palmo acima de sua cabeça. Quirimã levantou, com a cruz na mão, e a enterrou no pescoço do inimigo.

O sangue esguichou. O homem imenso levou as mãos à garganta, gritou e caiu para trás. Morto.

O grupo de botocudos parou.

Amedrontados, deram alguns passos para trás. Desconheciam aquela arma. Temeram seu brilho. Entraram na mata e desapareceram.

Coema foi entregue a Quirimã-Poçanga.

Ele havia matado um inimigo.

E revelara a todos o verdadeiro poder dos estranhos homens que haviam chegado em cabaças gigantes que flutuavam sobre o mar.

Dali em diante esperaram a volta dos homens que fediavam muito, para se aliar a eles e conseguir outras armas como aquela, capaz de tirar o espírito de um corpo mais rápido que flechas e tacapes.

Glossário

Acangatara: adorno de penas usado na cabeça durante as solenidades.

Anhangá: entidade maligna que habita a escuridão da mata.

Caiçara: cerca de proteção feita com estacas de madeira, erguida em torno da aldeia.

Coivara: queimada feita após a derrubada das árvores a fim de limpar o terreno e adubá-lo com as cinzas para a lavoura.

Curumim: criança.

Guará-piranga: guará (guirá) significa “garça”, e piranga significa “de cor vermelha”.

Içá: fêmea ou rainha de formigas voadoras que perdem as asas após o voo nupcial; tanajura.

Igå-ibira: espécie de árvore, de cuja casca do tronco, depois de moldada, construíam canoas.

Inis: redes.

Maracá: chocalho feito de cabaça, usado nos rituais religiosos e guerreiros.

Pitim: erva usada como incenso nas solenidades religiosas.

Saruê: gambá.

Tacape: arma ofensiva de madeira; maça, clava.

Ubaçu-iba: espécie de madeira usada para fazer fogo, por meio de fricção.